

Ao sol, faixa branca; sob a lua, faixa preta: estudo comparativo entre duas possibilidades do Karate em Okinawa¹

Under the sun, white belt; under the moon, black belt: a comparative study of two possibilities of Okinawa Karate

Fabio Augusto Pucineli¹, Carlos José Martins²

Como citar esse artigo. PUCINELI, F. A.; MARTINS, C. M. Ao sol, faixa branca; sob a lua, faixa preta: estudo comparativo entre duas possibilidades do Karate em Okinawa. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 2, p. 208-217, mai./ago. 2023.

Resumo

A pesquisa teve por objetivo comparar duas possibilidades do *karate* em Okinawa, a partir de pesquisa cartográfica, com inspirações etnográficas. A coleta de dados ocorreu durante o primeiro curso promovido em parceria com a *Japan International Cooperation Agency* e a *International Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation*, atual *Traditional Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation*, entre 10 de janeiro e 24 de fevereiro de 2023. Empenhei-me nas práticas que cabiam ao curso em si, no *Higaonna Dojo*, e em sessões extras de karate à noite, na *Shōrin-ryu Shidokan Musei Juku*. Para marcar diferenças e semelhanças, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: maneiras de iniciar e encerrar a sessão; *junbi undo* (exercícios preparatórios); *kihon* (fundamentos); *kata*; *hojo undo* (exercícios complementares) e desenvolvimento geral da prática coletiva. Os resultados indicam para a multiplicidade que constitui o karate, sendo inadequado reduzi-lo a identidades, em detrimento das diferenças.

Palavras-chave: arte marcial; pesquisa cartográfica; etnografia; cultura japonesa.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This research aimed to compare two possibilities of *karate* in Okinawa, from cartographic research, with ethnographic inspirations. The data collection occurred during the first course promoted in partnership with Japan International Cooperation Agency and the International Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation, now Traditional Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation, between January 10th and February 24th, 2023. I engaged in the practices that befitted the course itself, at *Higaonna Dojo*, and in extra karate sessions in the evenings at *Shōrin-ryu Shidokan Musei Juku*. To mark differences and similarities, the following categories of analysis were established: ways of starting and ending the session; *junbi undo* (preparatory exercises); *kihon* (fundamentals); *kata*; *hojo undo* (supplementary exercises); and overall development of collective practice. The results indicate the multiplicity that constitutes karate, being inadequate to reduce it to identities, in detriment of the differences.

Keywords: arts; cartographic research; ethnography; Japanese culture.

Introdução

Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. Em outros termos, não há ideomotricidade, mas somente sensório-motricidade. Quando o corpo conjuga alguns de seus pontos notáveis com os da onda, ele estabelece o princípio de uma repetição, que não é a do Mesmo, mas que compreende o Outro, que compreende a diferença, de uma onda e de um gesto a outro, e que transporta essa diferença pelo espaço repetitivo assim constituído (DELEUZE, 2018, p. 43).

¹ A pesquisa conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Afiliação dos autores:

¹ Mestre e Doutorando em Desenvolvimento e Humanos e Tecnologias – Unesp (Rio Claro)

² Professor do Departamento de Educação Física – Unesp (Rio Claro) e orientador da pesquisa.

* Email de correspondência: fabio.pucineli@unesp.br

Recebido em: 25/05/2023. Aceito em: 23/08/2023.

Esta pesquisa tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre duas manifestações do *karate* de Okinawa, a partir de pesquisa cartográfica com inspirações etnográficas. Para tal, entre os dias 10 de janeiro e 24 de fevereiro de 2023, envolvi-me em práticas diárias em importantes locais para o *karate* de Okinawa: *Goju-ryu Higaonna Dojo*, nos períodos da manhã e tarde, e também no *Shorin-ryu Shidokan Musei-Juku*, à noite. Os registros aconteceram através de diário de campo, fotos e vídeos, nos respectivos *dojo*.

A coleta de dados ocorreu durante o primeiro curso presencial intitulado “Promoção do *Karate* Tradicional de Okinawa como Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco”, promovido em parceria com a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) e a *International Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation (IOGKF)*, atual *Traditional Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation (TOGKF)*, ministrado pelos professores Masakazu Kuramoto, 8º *dan* e Yoshinori Yonezato, 7º *dan*.

O governo de Okinawa tem se mobilizado para reconhecer o *karate* como Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco. O curso é uma das iniciativas para tal. Há inclusive uma divisão para esse fim no Departamento de Cultura, Turismo e Esportes, sob coordenação do sr. Hayato Sawada. É um setor que mobiliza várias pessoas, que trabalham pela promoção do *karate* de Okinawa, cujos três estilos considerados como principais seriam *Goju*, *Shorin* e *Uechi*.

O curso foi predominantemente de *Goju-ryu*, com sessões diárias, das 10h às 12h e das 14h às 16h30. A investigação na *Musei Juku, dojo* que frequento desde 2009, quando da minha primeira visita a Okinawa, aconteceu das 19h30 às 21h30, e em três sábados, das 13h30 às 15h, durante o período em que os participantes do curso poderiam ficar livres para descansar ou aderir a outras atividades. Participei ativamente das propostas em ambos os locais, submetendo-me às experiências, aos exercícios e à convivência com os grupos.

Ambos os *dojo* ficam muito próximos, localizados em Naha, capital da província de Okinawa. *Higaonna Dojo* recebe o nome de seu fundador, Morio Higaonna, 10º *dan*, e fica entre as estações Asato e Makishi, dentro de um complexo de ruas estreitas. *Musei Juku*, estabelecido por Morinobu Maeshiro, também 10º *dan*, está há cerca de 30 minutos à pé da estação Asato, próximo do famoso parque Yogi. Igualmente localiza-se em meio a pequenas ruas residenciais. Os referidos *dojo* são espaços conjugados às residências dos respectivos *sensei*. Apesar da proximidade física, há longas distâncias entre as maneiras de praticar e ensinar o *karate*.

Como existe uma pluralidade de possibilidades em praticar, ensinar e compreender o *karate* em Okinawa, essa pesquisa elegeu como foco, vertentes dos estilos *Goju* e *Shorin*. O primeiro é um derivado do que era denominado *Naha-di*, iniciado por Kanryo Higaonna a partir da fusão entre práticas de combate já existentes em Okinawa e também de técnicas que aprendeu durante 14 anos na China. Era praticado a princípio por comerciantes, em Naha. *Shorin-ryu* é procedente de *Shuri-di*, manifestação da prática que se dava entre a antiga guarda real de Shuri, na época em que Okinawa ainda não era uma província do Japão.

Atualmente, mesmo dentro de cada estilo há significativas variações, sendo adequado especificar, sempre que possível, qual linhagem, escola e até mesmo o *dojo* ao qual se refere. “*Karate*” seria um termo genérico para se referir a esse conjunto de práticas combativas que tiveram origem em Okinawa, sob influências de diversas outras manifestações culturais de diferentes regiões do continente asiático. Ou seja, não existe uma história contínua e linear do *karate*. Cada uma de suas instâncias teve seu contexto peculiar de possibilidades para se configurar.

Goju-ryu foi o primeiro estilo a receber uma denominação, no ano de 1930. Chojun Miyagi, discípulo de Kanryo Higaonna, assim designou a prática que vinha desenvolvendo, após ser solicitado sobre o nome daquilo que apresentava a representantes do Japão continental. Nessa mesma época, de nacionalismo extremo, o *karate* era ensinado nas universidades japonesas para grandes números de pessoas, que eram organizadas segundo padrões militares, diferente de como era praticado em Okinawa, onde a transmissão se dava de maneira mais privada, para poucos discípulos, em espaços contíguos às residências dos mestres (PREFECTURA DE OKINAWA, 2019).

A prática do *karate* no Japão continental acontecia com um instrutor demonstrando as técnicas, e então os estudantes o imitavam, comumente sob contagens. Apesar de ser uma maneira eficiente para dar conta de grandes números de pessoas, era um tanto impossível que fosse dada atenção individual adequada, o que era também uma peculiaridade do *karate* de Okinawa. Chojun Miyagi tinha como objetivo “aperfeiçoar” o que aprendera com Kanryo Higaonna, estabelecendo métodos de treinamento de maneira “lógica e ordenada”.

Chojun, desde os princípios da era Showa, buscou um treinamento do ponto de vista de uma educação física moderna; uma prática sistematizada do *karate* que tivesse uma base de formação científica que é tal como se pratica *karate* na atualidade (PREFECTURA DE

OKINAWA, 2019, p.7).

O *Shorin-ryu* do qual se vale essa pesquisa é o sistematizado e estabelecido por Choshin Chibana (1885 - 1969), cuja linhagem é conhecida como *Kobayashi*. Dentre seus principais discípulos, Katsuya Miyahira (1918 - 2010) fundou a escola *Shidokan*. Morinobu Maeshiro praticou *karate* com Miyahira durante muitos anos, até o falecimento de seu mestre, em 2010. Atualmente ocupa o cargo primeiramente ocupado por Chibana, o de presidente da *Okinawa Shorin-ryu Karate-do Association*.

Maeshiro *sensei* adotou-me como discípulo em 2012, quando estive no Japão durante 18 meses, para uma pós-graduação na Universidade de Shiga. Na ocasião, visitei Okinawa em três ocasiões, a fim de praticar *karate* e experimentar estar inserido na cultura local. Em 2019, residi por mais seis meses na província de Toyama, onde realizei estágio como professor em escola. Visitei Okinawa mais duas vezes, sempre frequentando o *dojo* de Maeshiro *sensei*.

No que tange ao curso da Jica, em 2023, apesar de ser praticante de *Shorin-ryu* há mais de 30 anos, era minha segunda experiência com *Goju* (além do mais, a primeira havia sido remota). Assim, por respeito optei por usar a faixa branca durante as práticas no Higaonna Dojo. Notei que essa atitude pode ter sido determinante nas maneiras como eu era tratado pelos *sensei*: como um iniciante mesmo, o que eu não deixava de ser, já que era realmente um novo começo, numa prática quase que totalmente nova para mim; para o meu corpo, que teve de se reconfigurar, transformar-se em outro dele mesmo.

Sob olhares etnográficos, um cartografar

A presente pesquisa valeu-se do método cartográfico, com inspirações etnográficas. Segundo Barros e Kastrup (2020), a cartografia permite traçar e retrazar metas conforme os caminhos vão sendo percorridos, permitindo o ocupar de territórios e o acompanhamento de processos. Assim, como o *karate* é uma prática eminentemente corporal, a pesquisa aconteceu “a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento” (WACQUANT, 2002, p.12). Para André (1995, p. 28), “o pesquisador é o instrumento principal na coleta e análise dos dados. Os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador”.

Dessa forma, minha intenção inicial foi observar, experimentar e permitir colocar meu corpo à disposição para novas experiências, participando da constituição cotidiana da prática do *karate* nesses locais. Empenhei-me em realizar uma “participação observante” (BARROS; KASTRUP, 2020, p.56), mantendo diário de campo para descrever o mais densamente possível, transcrevendo as vivências em linguagem textual. Ou seja, como ensina Marli André (1995, p. 41), esforcei-me para “documentar o não-documentado”.

Ainda segundo esta autora, a descrição densa é “vital” quando a intenção é comparar diferentes situações, realidades (ANDRÉ, 1995, p. 58). Situações e realidades permeadas pelos efeitos e afetos do meu próprio corpo, onde se deu a intersecção das diferenças e semelhanças entre os territórios do *karate* que percorri. E foi da descrição densa, essa “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (GEERTZ, 1978, p. 17), da qual me vali para que a análise comparativa pudesse ser a mais substancial possível.

Para melhor marcar diferenças e semelhanças entre duas das diversas práticas possíveis do *karate* de Okinawa, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: 1- maneiras de iniciar e encerrar a sessão; 2- *junbi undo* (exercícios preparatórios); 3- *kihon* (fundamentos); 4- *kata*; 5- *hojo undo* (exercícios complementares) e 6- desenvolvimento geral da prática coletiva. Importante ressaltar que opto por não utilizar o termo “aula”, já que carrega um significado bastante diferente das propostas experienciadas em Okinawa.

As sessões de *karate* são chamadas na ilha de *keiko* ((稽古). Recorrendo-se aos ideogramas, o primeiro significa “considerar, pensar sobre”, o segundo, “antigo”. Tem-se assim uma espécie de constante de rememoração do passado, que se materializa e se presentifica cada vez que uma pessoa, sozinha ou em grupo, executa um *kata*, traz no corpo a gestualidade combativa do *karate*, no caso. Por isso o termo “aula” pode trazer uma certa confusão, já que parece haver uma tendência a imaginar uma aula como algo que acontece numa relação verticalizada, na qual o professor ensina e os alunos aprendem.

No que tange ao item 6, ambos os *dojo* seguem rotinas diárias diferentes entre eles, mas praticamente as

mesmas todos os dias, pouco variam. Não há muitas explicações ou exposições sobre temas específicos. O foco é efetivamente prático. Além disso, a repetição ocupa lugar importante nesses locais, porém ocorre de maneiras peculiares. No *Higaonna Dojo* ela é conduzida, seja na insistência dos gestos no *kihon*, ou nos *kata* realizados tantas vezes forem necessárias para estar o mais próximo possível do que o *sensei* considera adequado. Na *Musei Juku* repetem-se os mesmos exercícios em todos os encontros, porém, há vários e relativamente longos intervalos entre o *kihon* proposto e entre as sequências coletivas de *kata* que o *sensei* conduz. Nesses ínterims, cada pessoa fica à vontade para escolher o que deve realizar como exercício no momento específico. O mestre observa, orienta individualmente, e fica disponível para eventuais dúvidas.

Trecho do diário de campo (10 de janeiro):

Maeshiro *sensei* oferece vários e longos intervalos durante a prática de *karate* em seu dojo. Há conversas ocasionais, e sempre em voz baixa. Outras pessoas repetem movimentos dos *kata*. No mais, é silêncio. Ninguém fica no meio do local. Espontaneamente configura-se um círculo entre as pessoas. Começo a prestar atenção num som. É alguém batendo na *makiwara*. “Pá... pá... pá...”. Como um relógio que marca de maneira incisiva suas batidas, sou levado a pensar sobre esses intrigantes intervalos. Eu já havia me incomodado com isso nas outras vezes em que frequentei o *dojo*, mas não tanto como hoje.

Não é possível que precisemos descansar a cada dois *kata*, ou até mesmo depois de um único. O tempo passa e estamos parados. Parece uma espécie de meditação. Maeshiro *sensei* nada diz. Observa, e ocasionalmente chama atenção de alguém que pratica, ou somente esboça algum movimento. Resolvo também contribuir para a quebra desse silêncio e aproveitar melhor o tempo, tão bem materializado pelos socos que estalam na *makiwara*. Não é fácil chegar a Okinawa, por isso cada segundo é valioso. Então também comecei a arriscar algumas movimentações. De frente para o espelho, revisava minhas posturas, retomava os pontos que o *sensei* chamara atenção durante a prática conjunta dos *kata*.

Não demorou para que eu o ouvisse chamando pelo meu nome. Minha postura estava demasiadamente aberta. Maeshiro *sensei* me explicou como seria mais adequado. Mas eu já sabia. Porém, será que meu corpo sentia? Como é perceber o corpo com a postura mais alongada, e como é senti-lo da maneira como o *sensei* indicava? Pois parecia ser uma configuração corporal totalmente diferente, mesmo sendo apenas alguns centímetros mais fechada.

Parei um pouco e ao parar notei que observar atentamente esse tal “intervalo” também era uma ação bastante ativa. Quem seria a próxima pessoa a quebrar o silêncio? Quem faria um *kata*, uma pergunta, um comentário? Quem mudaria o rumo do que já flui? Foi então que constatei: esses espaços não são meros “intervalos”, são *MA*: potências do “entre”, que preenchem, conectam.

Para voltar à Jica, peguei carona com um senhor, aluno de Maeshiro *sensei*. Perguntei a ele sobre esses intervalos e minha hipótese se confirmou. Não é um descanso, mas um momento para fazer perguntas, praticar algum *kata* ou algum outro exercício. É um momento de conexão entre o *kata* que fizemos em conjunto, as observações que o *sensei* fez e que ainda vai fazer durante esse *MA*.

Ma é uma noção que atravessa diversas instâncias da vida no Japão. Está muito presente nas artes, mas também em acontecimentos do cotidiano. Refere-se a intervalos nas relações espaço-temporais. Intervalos repletos de um vazio “preenche de possibilidades” OKANO (2012, p. 24). São lacunas de transição, mas também de oportunidades de criação. *Ma* é algo tão comum e naturalizado entre os japoneses, que pouco se verbaliza sobre ele como um conceito.

A pesquisadora Gisele Miyoko Onuki afirma que:

A ideia de vazio, em ‘*Ma*’ é tida como um vazio com propósito, pois possui conteúdo e significado. Esse, pois, um significado que se expressa na inexistência de algo, ou seja, é

uma ausência a qual permite que algo se manifeste por meio dela no tempo e no espaço (ONUKI, 2022, p. 75).

Na Musei Juku um dos focos da minha atenção era: como habitar o *ma*, como dar potência ao vazio desses intervalos? Uma das maneiras que encontrei foi simplesmente observar como as pessoas que frequentam o *dojo* habitavam esse espaço-tempo. Desconfio que a angústia inicial sobre o que fazer durante esses intervalos vinha do anseio de preencher todos os espaços, de atribuir utilidade e finalidade a todas as instâncias da minha vida, além do ímpeto de querer aproveitar cada segundo em Okinawa. Mas percebi que há vários e potentes convites nessas pausas propostas: praticar, observar, tirar dúvidas, conversar, ou até mesmo permitir-se a nada fazer.

Kata

“Quando não se faz a sequência sem pensar, ainda não é *kata*”, afirmou Higaonna *sensei* logo no primeiro dia do curso, assim que viu um dos colegas escorregar e cair enquanto realizava um dos últimos gestos do *Suparinpei*, o mais longo *kata* de Goju-ryu. Segundo o mestre, quando não se tem domínio da sequência, a ponto de realizá-la de modo automatizado; enquanto é necessário pensar qual o próximo movimento, ainda não se está executando um *kata*, efetivamente. Segundo ele, executa-se um *kata* quando a sequência de movimentos faz parte de nós mesmos e, para isso acontecer, a repetição é o caminho. E foi isso que fizemos durante praticamente todo o curso: repetimos.

Kurikaeshi, na língua japonesa, significa repetição. Ouvi muito esse termo nos *dojo* em Okinawa, principalmente enquanto praticava Goju-ryu. “*Mō ichi do*” (mais uma vez), diziam os *sensei*, tão frequentemente que ressoava nos ouvidos, mesmo quando não mais nos encontrávamos no *dojo*. Era muito comum repetirmos um único *kata* durante a tarde toda, e retomarmos o mesmo no dia seguinte. Parafraseando Herrigel (2011), muitas vezes tinha a sensação de que eu não fazia mais *kata*, era o *kata* que me fazia.

Pratico e me pergunto: por que fazer tanto *kata*? Sinto que talvez não haja uma explicação. Ou talvez até exista, e não seja uma só, mas várias, inúmeras, quem sabe. Mas explicar não seja importante, ou o importante (Diário de Campo, 25 de janeiro).

Em outro registro no Diário de Campo, registro:

Às vezes repete-se tanto que a sensação é de nada mais existir, somente o *kata* que se repete, por exemplo. O corpo vai se formatando, configurando-se. O antigo do *kata* se faz novo a cada execução. Isso me faz resgatar o que Higaonna *sensei* disse hoje: “quando se tem consciência, não é *kata*”. Ou seja, enquanto se pensa em qual será o próximo gesto, em como deve estar a perna em determinada postura, ainda não se configura um *kata*. Assim, pratica-se tanto não-*kata* para que, em algum raro momento, emergja um *kata*, efetivamente (Diário de Campo, 01 de fevereiro).

Na obra *O Artífice*, o intelectual estadunidense, Richard Sennett, faz a seguinte consideração sobre a repetição:

Os rituais dependem da repetição para serem intensos. Geralmente associamos repetição a rotina, e parece haver um certo entorpecimento dos sentidos quando repetimos algo muitas vezes. (...) a repetição pode tomar outro rumo. Tocar determinado trecho repetidas vezes pode nos levar a uma concentração cada vez maior em suas especificidades, e assim o valor dos sons, das palavras ou dos movimentos corporais se torna profundamente

impregnado. Nos rituais, ocorre o mesmo processo de impregnação. É o que pretendem os rituais religiosos, como por exemplo o rito da Eucaristia; depois de participar dele mil vezes, você o terá arraigado a sua vida. Isso também se aplica aos rituais seculares; o ritual do aperto de mãos depois de um teste tem maior significado se voltar a acontecer mais e mais vezes; estabelece-se um padrão da experiência” (SENNETT, 2012, p. 114).

Durante diálogo com um antigo discípulo da Musei-juku, perguntei a ele se seria possível afirmar que o *karate* de Okinawa é *kata*. Disse que não. “*Kata is just kata*”, respondeu. “*Kata é só kata*”. Segundo ele, é um exercício com fim em si mesmo, mas que admite muitos possíveis. Esses possíveis seriam justamente os usos do *kata*, as operacionalidades pelas quais o praticante aprende, investiga e também cria possibilidades de emprego das técnicas.

“Os *kata* são mais difíceis do que parecem. Não à toa as pessoas passam a vida toda praticando os mesmos” (Diário de Campo, 17 de janeiro). Essa anotação foi feita logo após uma prática no *dojo* de Maeshiro *sensei*. Ele havia insistido comigo em detalhes do *naifanchi-shodan*, geralmente o primeiro *kata* que alguém começa a aprender no *Shōrin*. Sentia-me quase sempre um iniciante, sob as orientações desse mestre, situação que me faz pensar: *karate* parece ser uma espécie de eterno retorno aos inícios.

Tanto Higaonna quanto Maeshiro enfatizam muito em suas falas um aspecto do *karate* chamado *muchimi*. Importante frisar que não é um termo da língua japonesa, mas sim do idioma de Okinawa, *uchinaguchi*. A ideia seria que a transição dos movimentos de um *kata*, por exemplo se dê de maneira “pegajosa”, aderente entre os segmentos corporais que realizam as ações. Inclusive, num dos momentos de diálogo durante a prática de sábado na Musei Juku, Maeshiro *sensei* chamou atenção para a maneira de execução de um *kata* competitivo. Citou um famoso competidor e disse que ele não tem *muchimi*, já que seus gestos são secos, bruscos e brutos. Segundo o mestre, é mais um atleta que um karateca.

Quando ouvi isso, imediatamente fui levado a uma espécie de confirmação de uma relação que já vinha refletindo sobre: na obra “Espinosa, Filosofia prática”, o filósofo francês Gilles Deleuze, convida a pensar em dois tipos de cavalos, o de carga e o de corrida. Segundo o prático pensador, apesar de serem da mesma espécie, o primeiro está mais próximo do boi, no que concerne aos afetos que é capaz (DELEUZE, 2002). Da mesma forma, um *kata* de competição estaria mais para uma performance de ginástica rítmica do que do *karate* em si.

Muchimi é uma ação que se passa entre, não é o início nem o final do gesto, mas o intervalo. Não é um ponto, mas uma linha, e

(...) a linha nunca é regular, o ponto é apenas a inflexão da linha. Pois não são os começos nem os fins que contam, mas o meio. As coisas e os pensamentos crescem ou aumentam pelo meio, e é aí onde é preciso instalar-se, é sempre aí que isso se dobra (DELEUZE, 2013, p. 205).

Hojo Undo

Os “exercícios complementares” apareceram já no primeiro dia de curso, à tarde. O primeiro implemento utilizado foi o *chiishi*, “martelo de pedra”: um bastão de mais ou menos 50 cm de comprimento com uma rocha circular, geralmente feita de cimento, presa na ponta. Conforme foi ensinado no *dojo*, suas funções principais seriam fortalecer todas as partes do corpo de uma só vez, especialmente os pulsos, proporcionando força de preensão e também para socar.

Em seguida, fizemos uso dos vasos conhecidos como *nigirigami*, cujo treinamento consiste basicamente em agarrar os potes pela sua abertura e realizar deslocamentos com eles suspensos nas mãos. O objetivo seria potencializar a pressão nos dedos, e também fortalecer as pernas, já que a maioria dos exercícios é feita segurando os vasos e se deslocando em *shanchin-dachi* e *shiko-dachi*, duas posturas com os joelhos flexionados, sendo que a segunda implica numa posição ampla, com o quadril bem abaixado.

Experimentamos também a prática de *tetsu geta*, implemento que tem o mesmo formato do tradicional

calçado nipônico, *geta*, mas feito de metal, e pesado. A ideia é calçar e realizar exercícios de elevação de joelhos, dos pés e chutes. A proposta seria fortalecer, ampliar a mobilidade e resistência nos membros inferiores. O pesquisador Michael Clark (2009), em sua obra *The Art of Hojo Undo*, afirma que o uso de *geta* também ajuda no desenvolvimento do equilíbrio.

No dia seguinte, pela manhã, a prática foi na *makiwara*: um implemento que consiste numa madeira com uma altura aproximada de 1,5m e largura próxima a 10 cm, geralmente fixada ao chão. Na ponta são enroladas cordas ou outro material para absorver o impacto. Quando se golpeia, a *makiwara* oferece um movimento de aparar socos, chutes, cotoveladas etc. É um aparelho comum em praticamente todos os *dojo* de Okinawa, independente do estilo, linhagem ou escola.

Na *Musei Juku*, inclusive, o treino na *makiwara* é praticamente diário. Porém, ocorre de maneira diferente comparando-se a Higaonna Dojo. Não há um momento e nem um direcionamento específico para o uso do implemento. Geralmente as pessoas praticam nele nos períodos de “intervalo” oferecidos por Maeshiro *sensei*, que observa e orienta conforme necessário. Isso vale também para a utilização do *chiishi* e do *nigirigami*. Não há outros implementos para *hojo undo* nesse *dojo*, o que corrobora uma questão apontada pelo pesquisador okinawano Toru Kadekaru (2021), a partir de uma diferença destacada por Gichin Funakoshi no jornal de Okinawa *Ryukyū Shimpō*, em 1912: de forma geral, a ênfase do Goju-ryu era treinar o corpo, e Shorin-ryu tinha como foco a técnica.

No decorrer do curso, os “exercícios complementares” estavam sempre presentes. Ao menos uma vez na semana passávamos pelas sessões, nas quais utilizávamos também outros materiais, que não serão apresentados aqui. Opto por descrever o uso dos instrumentos mais recorrentes nessas práticas, somente.

Exercícios Preparatórios e *Kihon*

Chojun Miyagi, inspirado em propostas trazidas da China por Kanryo Higaonna, sistematizou uma combinação de exercícios preparatórios, conhecida em japonês como *junbi undo*, que inicia nos dedos dos pés e atravessa todo o corpo, até o pescoço. Um *sensei* se posiciona a frente do grupo e conduz as contagens dos movimentos. O propósito seria aquecer, ajudar na flexibilidade, preparar para a prática específica do karate e também prevenir lesões (PREFECTURA DE OKINAWA, 2019, p.16).

No Higaonna Dojo realizamos essa sequência, que durava cerca de 20 minutos, diariamente. Às vezes eram acrescentados exercícios diferentes, ou retirados alguns. Porém, no geral, a sequência acontecia praticamente da mesma forma todos os dias. Era uma rotina árdua, em alguns momentos. Não pela carga de exercícios em si, que não apresentava nada de insuportável, mas justamente por ser uma rotina. E uma rotina que prosseguia logo depois com uma longa prática de *kihon*, que durava o restante do tempo da manhã.

Em muitas ocasiões eu me perguntava se poderia haver alguma influência militar naquela sequência toda, já que a disseminação do *karate* se deu, não só pelo continente Japonês, mas também pelo mundo, em virtude da massificação do seu ensino nas escolas e universidades. E isso acontecia em formatos militarizados, com grande quantidade de pessoas enfileiradas e alinhadas, repetindo gestos ao som de uma contagem. Segundo Kadekaru (2021, p. 69), “quando o *karate* foi introduzido no sistema educacional, referiam-se a ele como ‘*karate* calistênico’ e ‘*karate* exercício’”. Ou seja, era possível que as tecnologias políticas do corpo utilizadas como ferramenta nacionalista através do *karate*, tomado como um método ginástico, estivessem sendo reatualizadas diariamente em nossos próprios corpos¹.

No *Higaonna Dojo*, não havia um *kihon* pré-determinado. O *sensei* que estivesse à frente da sessão conduzia da maneira como considerasse mais adequado. Contudo, as sequências básicas eram de diferentes formas de socos, chutes, defesas, golpes com a mão aberta, sem e com deslocamentos. Fazíamos por volta de 30 repetições cada movimento, quando não mais. Também insistiam bastante na postura conhecida como *shiko-dachi*, na qual as pernas são afastadas numa distância um pouco maior que a largura dos próprios ombros, os joelhos são flexionados, mantendo o alinhamento da coluna.

³ Para mais informações sobre o karate e as tecnologia política do corpo, consultar: PUCINELI, Fabio Augusto. **Modernização do Karate**: Gichin Funakoshi e as tecnologias políticas do corpo. Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Unesp: Rio Claro, 2017; PUCINELI, F. A. e MARTINS, C. J. Parresia e Retórica na Expressividade do Kata: Singularidade e diferenças na prática ascética do karate. In: **Criar Educação**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC, Criciúma, v.10, n.2, p.164-175, ago/dez 2021.

Na *Musei Juku* era ao contrário: não havia um *junbi undo* específico, mas era proposto todos os dias o mesmo *kihon*. O horário da prática era às 19h30, quando era possível ouvir o som das *geta* do *sensei*, que descia os degraus de sua residência até o *dojo*. A sessão começava efetivamente às 19h40, mais ou menos. Nesse tempo, as pessoas se preparavam individualmente, ou em duplas, da maneira que considerassem mais adequada. O mestre não conduzia nenhum tipo de exercício preparatório, mas observava e dava algumas sugestões quando julgava apropriado.

Quando Maeshiro *sensei* convidava para começar, as pessoas se posicionavam livremente pelo espaço, ajustando-se da melhor maneira possível, conforme o número de participantes na ocasião. Iniciava-se a prática do *kihon*, composto por seis partes: as três primeiras, com movimentos de socos e defesas, avançando e recuando; as seguintes, com deslocamentos para os quatro lados, incluindo também chute frontal (*mae-geri*). Era sempre o mesmo *kihon*, repetido todos os dias.

Maneiras de Iniciar e Encerrar a Prática

Tal como acontecia com os exercícios preparatórios, não havia nenhuma formalidade para iniciar a sessão na *Musei Juku*. O *sensei* simplesmente convidava para iniciar, e as pessoas se posicionavam pelo espaço da melhor maneira possível. Para encerrar, formavam um círculo, e em seguida realizavam uma reverência geral, depois se cumprimentavam individualmente de forma espontânea. O fato de não existir nenhuma ritualização de início e encerramento, não quer dizer que também não houvesse um respeito incondicional ao *sensei*, ao *dojo* e a todas as pessoas que lá frequentavam. Isso proporcionava em mim uma certa sensação de alegria.

No *Higaonna Dojo*, pelo contrário, havia uma rigorosa formação inicial e final, com todos alinhados, na qual os mais graduados ficavam à frente. Os cumprimentos se davam em *seiza*, postura na qual se fica de joelhos, com os quadris sentados nos calcanhares. Ao comando “*mukusō*”, fechávamos os olhos para meditar. Isso também não se alterava. Era o mesmo ritual, diariamente, pela manhã e à tarde. O sentimento que geralmente me atravessava era o de tensão com aquela formalidade.

A seguir, apresento uma tabela comparativa que resume as principais características, diferenças e similaridades entre as propostas dos dois *dojo* pelos quais se deu a investigação:

Tabela 1. Principais Características, Diferenças e Similaridades entre os dois *dojo*

Categoria	Higaonna Dojo	Musei Juku
Maneiras de iniciar a prática	os participantes fazem formação alinhados, assumem a posição <i>seiza</i> . No comando do <i>sensei</i> , realizam <i>mukuso</i> (meditação). Logo após realizam os cumprimentos iniciais.	não há nenhum ritual específico. O <i>sensei</i> simplesmente chama a todos, que se distribuem pelo espaço conforme localização favorável para realizar os exercícios. Não existe alinhamento.
Exercícios preparatórios	Chamados <i>junbi-undo</i> . São exercícios que, segundo os <i>sensei</i> , têm inspiração chinesa, do período em que Kanryo Higaonna esteve na China. O <i>sensei</i> se posiciona à frente e faz junto os exercícios sob sua contagem. É uma sequência pré-determinada de exercícios repetitivos, que começa nos dedos dos pés e termina no pescoço. Dura cerca de 20 minutos.	Não há. Segundo Morinobu Maeshiro, quem deseja fazer algum tipo de exercício preparatório pode se sentir livre para chegar ao <i>dojo</i> mais cedo e realizar, tanto é que a sessão de prática começa sempre por volta de 10 minutos depois do programado (19h30), justamente para conceder esse tempo de preparação. Mas esses exercícios preparatórios nunca fazem parte do repertório proposto pelo referido <i>sensei</i> .

<i>kihon</i>	Logo após o <i>junbi-undo</i> , acontecia a prática sistemática dos fundamentos do karate Goju-ryu: socos diversos, defesas, chutes, golpes de mão aberta. Geralmente se faz uma série de movimentos no mesmo lugar e, em seguida, séries com deslocamento, chamada <i>idou kihon</i> . Os gestos sempre são seguidos das respectivas contagens do <i>sensei</i> . Eram 30 repetições, geralmente. Não havia um <i>kihon</i> específico. Os <i>sensei</i> propunham sequências de movimentos que considerassem necessárias no momento.	São realizadas as seis partes do <i>Shidokan kihon kata</i> , também chamado por Morinobu Maeshiro de <i>kihon dousa</i> . As três primeiras sequências, que há deslocamento à frente e para trás, são atribuídas a Choshin Chibana, fundador do estilo. As duas seguintes, com deslocamento para quatro direções, por Shinpan Gusukuma e a última, mais atual, elaborada no próprio Shidokan Honbu Dojo. O <i>sensei</i> faz a contagem e vai passando entre os participantes, observando e corrigindo os movimentos.
<i>kata</i>	Há foco em um <i>kata</i> por sessão. Muitas vezes o mesmo <i>kata</i> atravessa vários encontros. Existe muita valorização do que chamam de <i>kurikaeshi</i> , repetição: o <i>sensei</i> observa os participantes fazendo <i>kata</i> , tece alguns comentários e em seguida diz: <i>mo ichi do</i> (de novo) - frase dita incontáveis vezes. Geralmente não se passa para outro <i>kata</i> enquanto aquele que se pratica ainda não for satisfatório, segundo critério do <i>sensei</i> .	15 é o número aproximado de <i>kata</i> realizados a cada sessão. São feitos mediante contagem do <i>sensei</i> . Todas as pessoas podem acompanhar as sequências até o último <i>kata</i> .
<i>hojo undo</i> exercícios complementares	não acontece em todas as sessões de prática, mas é um importante momento no qual as pessoas participantes utilizam-se de instrumentos peculiares que oferecem resistência.	pode ser feito antes do início da sessão ou nos intervalos. Não há um direcionamento específico e em conjunto para o treinamento complementar. No <i>dojo</i> há disponíveis dois dos principais instrumentos do <i>hojo undo</i> : <i>chiishi</i> e <i>nigiri game</i> .
Desenvolvimento Geral da Sessão de Prática	A sessão de prática é preenchida totalmente por exercícios propostos pelo <i>sensei</i> . Há pequenos intervalos somente para hidratar-se e descansar brevemente.	O <i>sensei</i> , após a realização do <i>kihon</i> , e também depois de um ou dois <i>kata</i> , oferece um tempo, “ <i>time shimashô</i> ”. Nesse intervalo, as pessoas escolhem o que fazem. Geralmente praticam alguma sequência de <i>kata</i> , auxiliam colegas, alongam etc. O <i>sensei</i> observa, comenta, e fica disponível para dúvidas.
Encerramento da sessão	os participantes fazem alinhamento, sentam-se em <i>seiza</i> , fazem <i>mukuso</i> e recitam o <i>dojo kun</i> (código de ética do <i>dojo</i>). Cumprimentam o <i>shomen</i> , os <i>sensei</i> e depois a si próprios.	o <i>sensei</i> anuncia que a sessão terminou. Todos fazem um círculo e cumprimentam-se sem um comando específico para tal.

Considerações finais

A partir das experiências e investigações realizadas em ambos os importantes locais para o *karate* de Okinawa, venho considerar que as diferenças entre as escolas vão além das singularidades dos *kata*, ou do gesto técnico em si, mas mostram-se evidentes nas maneiras de compreender e agir sobre o corpo e suas possibilidades. O *ethos* é diferente². Assim, as formas de intervenção sobre ele são marcadamente distintas. No Higaonna Dojo, o corpo deve ser constantemente fortalecido, e esse fortalecimento faz parte, com muita ênfase, das sessões de prática. Além disso, existe uma espécie de progressão na aprendizagem dos *kata*, por exemplo. Não se pratica o próximo enquanto o anterior se mostrar insatisfatório. Na Musei Juku, entende-se também que é preciso tonificar o corpo. Mas que isso deve ser feito à parte, e de maneira não induzida.

Apesar de não ter feito incursões mais detalhadas em outros *dojo*, pude visitar alguns e também me colocar à disposição para a experiência da prática. Com isso, reafirmo as colocações sobre a multiplicidades de possibilidades em que o *karate* ocorre: em Okinawa ele é diferente, e se diferencia de si mesmo, em suas maneiras de conceber e tratar o corpo; em suas propostas de intervenção prática. Diferenças essas marcadas pelas singulares configurações históricas de cada estilo, linhagem e escola.

⁴ Para Foucault (2010), a noção de *ethos* corresponde ao modo de existência, às maneiras de ser e de viver.

Subordinar essas diferenças a identidades constitui um equívoco a ser evitado, em se tratando do *karate* de Okinawa. A diferença talvez seja uma das maiores preciosidades do *karate* na ilha. Por exemplo, no dia 06 de fevereiro, fiz a seguinte anotação no Diário de Campo: “(...) conhecer sobre outros estilos tem me feito conhecer melhor o meu”.

Para encerrar, trago um outro trecho do Diário de Campo:

Quando olhamos para o que é diferente de nós, percebemos melhor o que nos é semelhante - essa frase me ocorreu há pouco. É o que tem acontecido comigo. Ao me embrenhar na prática constante de *Goju-ryu*, começo a perceber de outras maneiras o *Shorin-ryu*. Mas não só os estilos em si, ou melhor, talvez eu comece a perceber melhor meu corpo em composição com os diferentes estilos (Diário de Campo, 05 de fevereiro).

Fonte Primária

Diário de Campo de Fabio Augusto Pucineli – Okinawa, Japão - 10 de janeiro a 24 de fevereiro de 2023.

Referências

- ANDRÉ, M. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é Acompanhar Processos. *In: PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p.53-75, 2020.
- DELEUZE, G. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. **Conversações**. 3a edição. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. 3a. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HERRIGEL, E. **A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen**. São Paulo: Pensamento, 2011.
- KADEKARU, T. The Arrival of Modern Karate (1) Shifting from Chinese Kempo Origin Theories. *In: KOYAMA, M; WADA, K; KADEKARU, T. Karate: Its history and practice*. Nippon Budokan: Tokyo, p.70-82, 2021.
- OKANO, M. **Ma: Entre-espaco da arte e comunicação no Japão**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Japão, 2012.
- ONUKE, G. M. **Das Tecnologias do Sensível à Poiesis de um Corpo: A constituição de um ethos em co(rpo)nexões mediáticas**. Curitiba: Appris, 2022.
- PREFECTURA DE OKINAWA. **Proyecto de Investigación de los Estilos del Karate de Okinawa: Goju-ryu Libro de Referencia**. Oficina del Departamento de Turismo, Cultura y Deporte de la Prefectura de Okinawa. Naha, 2019.
- PUCINELI, F. A. e MARTINS, C. J. Parresia e Retórica na Expressividade do Kata: Singularidade e diferenças na prática ascética do karate. *In: Criar Educação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC, Criciúma, v.10, n.2, p.164-175, ago/dez 2021*.
- PUCINELI, Fabio Augusto. **Modernização do Karate: Gichin Funakoshi e as tecnologias políticas do corpo**. Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Unesp: Rio Claro, 2017.
- SENNETT, R. **O Artífice**. 5a ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- WACQUANT, L. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.